

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo (R.J.) Class.: 294

Data 27 de maio de 1979 Pg.: _____

27.05.79
O Globo RJ

Villas Boas aplaude arquivamento do plano de emancipação do índio

27.05.79
O Globo RJ

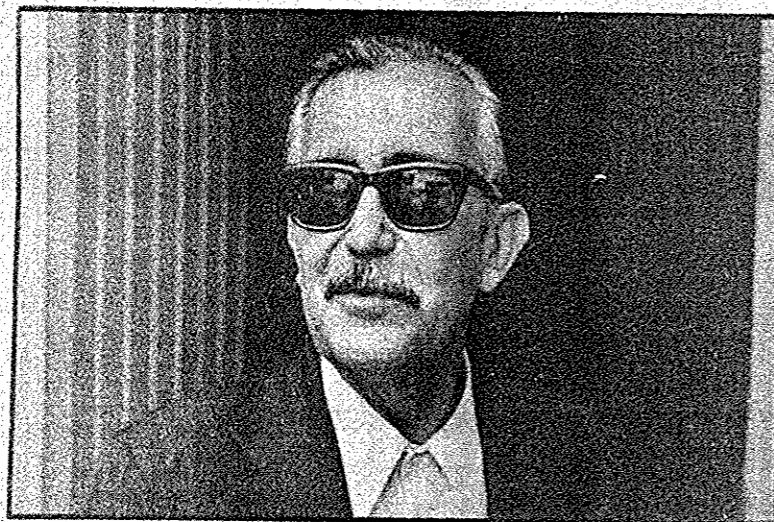
SÃO PAULO (O GLOBO) — “Arquivar e esquecer de vez o Plano de Emancipação do Índio, foi a medida mais importante do ministro do Interior, Mário Andreazza em relação ao problema, pois só isto permitirá ao índio resistir e preservar o que restou da sua cultura”. A afirmação é do sertanista Cláudio Villas Boas que, juntamente com seus irmãos Orlando e Alvaro, sempre defendeu o isolamento dos índios em áreas delimitadas, sob a tutela do Estado.

Cláudio Villas Boas dá o seu depoimento sobre atual política da Funai, o futuro dos índios e seus problemas:

— Nos últimos cinco anos, ou seja, a partir da administração do general Ismarth de Oliveira à frente da Fundação Nacional do Índio, houve uma sensível melhora nas condições de vida dos indígenas em geral. Mesmo assim, o Ismarth enfrentou muitos problemas, principalmente com o ex-ministro do Interior, Rangel Reis, que a todo custo queria “emancipar” o índio, cumprindo recomendação expressa do ex-presidente Ernesto Geisel.

— Ora, todo mundo sabe que não existe “emancipação”, mas sim a destruição dos índios que, além de tudo, ainda ficaria sem suas terras e seria transformado em mão-de-obra barata nos núcleos urbanos ou mesmo nas grandes fazendas. A prova da destruição está aí, com esses índios que, ao primeiro contato com o branco, assimilaram tudo o que há de pior na chamada civilização, transformando-se em verdadeiros indigentes, alcoólatras, doentes.

— Nós temos de esperar que a dita “integração” se dê espontaneamente e não através de decreto, pois também está provado que a rejeição é de ambas as partes. Para nós, por outro lado, o



O sertanista Cláudio Villas Boas

índio, ao mesmo tempo, deve ter a liberdade de abandonar sua aldeia e se aventurar entre os brancos, se quiser.

— O ministro Rangel Reis dificultou muito o trabalho da Funai, pois sua política de “emancipar” o índio estava em desacordo com a filosofia dos Villas Boas, cujos princípios são respeitados por todos os grandes especialistas do mundo. Atualmente, na política da Funai, existem dois fatores positivos: em primeiro lugar a posse de Adhemar Ribeiro da Silva na direção do órgão. O Adhemar é um homem extraordinário e dinâmico, tem a confiança do Mário Andreazza, conseqüentemente tem mais trânsito na área federal do que seus antecessores. Isto é importante, pois implica em mais recursos e faci-

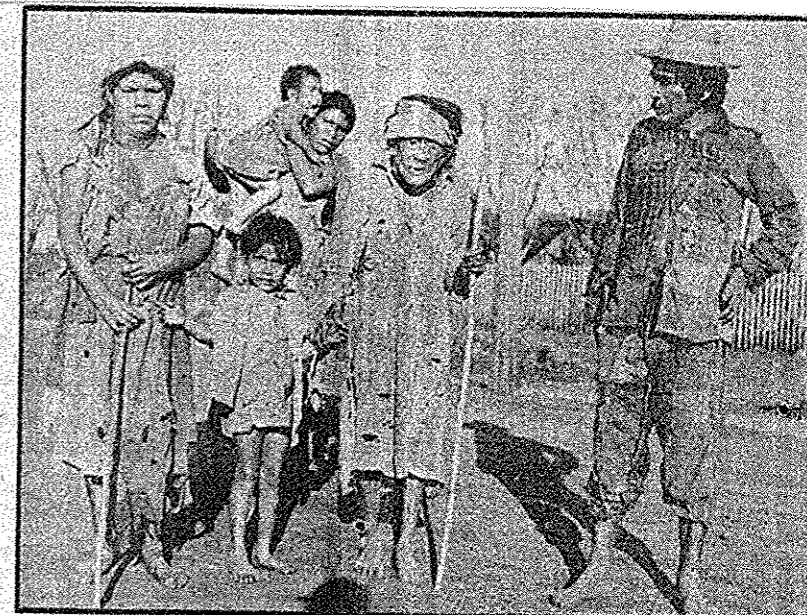
lidades para o trabalho. Em segundo lugar, quero destacar a indicação do brigadeiro José Leal Neto para direção do DGO (Departamento Geral de Operações), o mais estratégico dos setores da Funai, pois envolve o trabalho direto com as frentes, nestes tempos de ocupação da Amazônia, dos contratos de risco. O Leal Neto é velho conhecedor do índio, da região, foi piloto da FAB e trabalhamos juntos muito tempo.

— Sem tutela do Estado, sem a sua proteção, o índio se esfacela. Ele deve ficar longe das fazendas, pois, por ser um ser ingênuo e puro, o índio é presa fácil dos brancos inescrupulosos, que lhe rouba as mulheres e os bens. Sabemos que muitos fazendeiros procuram se aproximar dos índios para iludí-los e

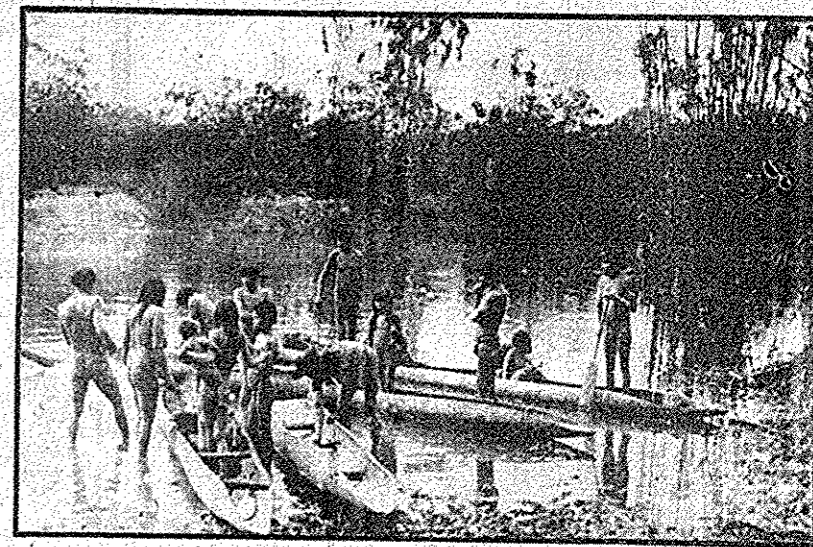
aproveitá-los como mão-de-obra barata em seus latifúndios. Hoje, ainda não podemos avaliar o trabalho do presidente Adhemar Ribeiro da Silva à frente da Funai, pois está só há um mês e meio no cargo. Mas, por ser ele um homem do Andreazza — que, aliás, promete conseguir mais recursos para a Funai —, temos motivos de sobra para esperarmos talvez a melhor administração que o órgão já teve. Será também, sem sombra de dúvida, a administração mais próxima da filosofia dos irmãos Villas Boas.

— Apesar de todas as dificuldades e da oposição do ministro Rangel Reis, mesmo assim o general Ismarth de Oliveira delimitou áreas para mais de 60 reservas e só não ampliou mais por falta de recursos. Na prática, o índio precisa de vastas terras, pois ele não é um mero agricultor, sedentário. O índio gosta de caçar, pescar, necessita de amplos espaços, pois costuma se locomover quando a situação do pedaço de terra em que se encontra não lhe é favorável.

— A administração do Ismarth, apesar das dificuldades, foi tão boa que o próprio Adhemar Ribeiro da Silva o convidou para ser superintendente da Funai — ele recusou, por outros motivos. Podemos dizer que a situação do índio é bastante difícil, pois os 140 grupos existentes espalhados pelo Brasil estão em estágios diferentes de aculturação e isso exige cuidados especiais. A atitude mais digna que o Governo brasileiro poderia tomar seria reservar imensas áreas ao norte do Mato Grosso, amplas regiões destinadas exclusivamente aos índios, recolhendo os que estão perdidos por aí nas cidades e garantir-lhes uma existência digna, livre.



A miséria dos guaranis, já próximos da civilização, em Santos SP



As tribos do Alto Xingu vão receber maior assistência